

O KAMA-SUTRA: DE VATSYAYANA A RICHARD FRANCIS BURTON

Felipe Salvador Weissheimer¹
Universidade do Estado de Santa Catarina

Marlene de Fáveri²
Universidade do Estado de Santa Catarina

Recebido: 04/08/2015 Aprovado: 07/12/2015
--

Resumo: Dentre os vários *Kama-sutra* difundidos no mercado, a versão clássica foi escrita por Vatsyayana (século I-IV, aproximadamente) e publicada na Inglaterra em 1883 pela Sociedade Hindu Kama Shastra. Richard Francis Burton foi o membro de maior importância na Sociedade Hindu Kama Shastra, pois, além de fomentar a publicação, auxiliou na tradução, editou e enunciou vários comentários ao longo da obra. Em seus comentários, percebemos que o projeto da tradução e publicação do *Kama-sutra* visava em especial à instituição de “novas” práticas sexuais aos seus contemporâneos. Neste sentido, buscamos analisar a construção (a partir não somente a tradução inglesa do *Kama-sutra*, mas, também, outros textos que estiveram no emaranhado de relações interdiscursivas) das representações, intervenções e disciplinas, construídas social e culturalmente, tendo em vista os contextos da antiguidade indiana e da Inglaterra do final do século XIX, que incidiram sobre os corpos e sobre as identidades dos sujeitos daquele contexto.

Palavras-chave: História; Literatura; *Kama-sutra*.

THE KAMA-SUTRA: VATSYAYANA TO RICHARD FRANCIS BURTON

Abstract: Among the various *Kama-sutra* spread in the market, the classic version was written by Vatsyayana (I-IV century, approximately) and published in England in 1883 by the Hindu Kama Shastra Society. Richard Francis Burton was the most important member of the Society, because in addition to encouraging the publication, helped in translation, edited and enunciated several comments throughout the book. In his comments, we realized that the translation project and publication of the *Kama-sutra* aimed in particular the establishment of “new” sexual practices to their contemporaries. In this sense, we analyze (not only the English translation of the *Kama-sutra*, but also other texts that were in the tangle of interdiscursive relations), representations, interventions and disciplines, social and culturally constructed, with a view to Indian antiquity and the England of the late nineteenth century, which focused on the bodies and on the identities of the subjects that context.

Keywords: History; Literature; *Kama-sutra*.

¹ Endereço para correspondência: Destinatário: Felipe Salvador Weissheimer. Rua Amaro Antônio Vieira, 2259, apto 801-A. Bairro Itacorubi. CEP: 88034-102. Florianópolis-SC. E-mail: felipe.s.w@hotmail.com.

² E-mail: mfaveri@terra.com.br.

Introdução

O *Kama-sutra* é um livro que desperta o imaginário e a curiosidade do público em geral. Desde sua primeira publicação moderna (Inglaterra, 1883), este influenciou inúmeras obras que se apropriaram de seu título, comentaram e ressignificaram seu conteúdo.

Ao longo do século XX surgiram várias publicações sob o título de *Kama-sutra*. Desde então, o mercado, de uma forma geral, transformou o *Kama-sutra* em um bem cultural, sinônimo do exotismo e da volúpia sexual. Neste sentido, o *Kama-sutra* foi explorado de várias maneiras, seja em publicações ilustradas (não havia imagens eróticas na primeira publicação inglesa) ou, até mesmo, tornando-se marca de cosméticos, incensos ou produtos eróticos.

O *Kama-sutra* é um livro com assuntos variados, sobretudo destinados aos reis, que foi fundamentado a partir de alguns preceitos da tradição hindu e que, sobremaneira, apresenta uma dissertação concisa sobre as práticas eróticas e sexuais. Sendo um livro que se refere ao comportamento e a natureza humana, o *Kama-sutra* teve considerável destaque no dito “mundo ocidental”, principalmente no último século, a partir da compilação e tradução dos escritos de Vatsyayana para a língua inglesa.

A primeira publicação moderna (em idioma inglês) do *Kama-sutra* foi produzida pela Sociedade Hindu Kama Shastra e era formada por Richard F. Burton (o “descobridor”, tradutor, editor e comentador do livro) e por Forster Fitzgerald Arbuthnot (inglês de família nobre, mas que trabalhava na Índia como funcionário público; grande orientalista e o principal tradutor do livro do sânscrito para o inglês, na Índia). Segundo Rice, os dois contaram com o apoio de um círculo de amigos, entre eles Monckton Milnes que, provavelmente, ajudou financeiramente; Henry Spencer Ashbee, conhecido como o dono do segundo maior acervo de livros eróticos do período (perdendo somente para o Vaticano), que ajudou na divulgação do *Kama-sutra*; e o “obscuro Dr. Steingass”. Esses membros periféricos podiam ser considerados os leitores “típicos” das publicações

da Sociedade: cultos, abastados e eruditos.³ O grupo tinha uma razão legal, pois atribuir à Sociedade Hindu Kama Shastra a produção dos livros foi uma estratégia adotada pelos produtores para não recaírem nas penalidades previstas na Lei de Publicações Obscenas de 1857, uma vez que enfatizava que a circulação dos livros ficaria restrita aos colecionadores. Assim, restringia o acesso do público em geral, conforme previa a Lei.

O problema que norteou nossas análises foi a compreensão de como os modos de apropriação do *Kama-sutra* de Vatsyayana não foram apenas fenômenos linguísticos, desassociados das questões sociais do período vitoriano. Trabalhos semelhantes foram publicados por Wendy Doninger, Markus Johannes Weininger e Carla Fernanda da Silva;⁴ porém, com enfoques e abordagens diferenciadas da nossa, sendo que os dois primeiros privilegiaram os aspectos da tradução e a última efetuou uma análise relacionada à temática foucaultiana do “cuidado de si”.⁵ Nós buscamos problematizar as leituras de Burton sobre a obra, na intenção de compreender como ocorreu a apropriação da obra, que estava inserida num emaranhado de relações que delineava as fronteiras entre os gêneros nas performances sexuais de homens e mulheres. Sabendo hoje que o *Kama-sutra* tornou-se um manual de referência sobre o sexo, buscamos desenvolver análises

³ RICE, Edward. **Sir Richard Francis Burton**: o agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu os Kama Sutras e trouxe As Mil e uma Noites para o Ocidente. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 452.

⁴ Neste aspecto, sugerimos a leitura de: DONINGER, Wendy. **Vātsyāyana Kāmasūtra**. A new translation by Wendy Doniger and Sudhir Kakar. New York: Oxford University Press, 2002.; WEININGER, Markus Johannes. Tradução, alteridade e alteração da identidade: o Kama Sutra como veículo de mudanças sociais no Ocidente e na Índia. X ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES E IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE TRADUTORES, 10, 2009, Ouro Preto. **Programação e resumos...** Ouro Preto: Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução, 2009. v. 1. p. 144-145.; SILVA, Carla Fernanda da. O Kama Sutra e o cuidado de si. **Revista Linguagens**, Blumenau, v. 5, n. 3, p. 220-237, set./dez. 2011.

⁵ Segundo Judith Revel, “No início dos anos 80, o tema do cuidado de si aparece no vocabulário de Foucault no prolongamento da idéia de governamentalidade. À análise do governo dos outros segue, com efeito, aquela do governo de si, isto é, a maneira pela qual os sujeitos se relacionam consigo mesmos e tornam possível a relação com o outro. A expressão “cuidado de si”, que é uma retomada do *epimeleia heautou* que se encontra, em particular, no Primeiro Alcebiades, de Platão, indica, na verdade, o conjunto das experiências e das técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar-se a si mesmo. No período helenístico e romano sobre o qual se concentra rapidamente o interesse de Foucault, o cuidado de si inclui a máxima délfica *gnôthi seauton*, mas a ela não se reduz: o *epimeleia heautou* corresponde antes a um ideal ético (fazer de sua vida um objeto de *tekhnê*, uma obra de arte) que a um projeto de conhecimento em sentido estrito” Cf: REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Maria do Rosário Gregorin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Paulo: Claraluz, 2005. p. 33. Mais informações em: REVEL, Judith. Op. Cit.

que possam explicar os fenômenos históricos que possibilitaram que o livro se constituísse como tal, tendo em vista as representações, intervenções e disciplinas, construídas social e culturalmente, que buscavam incidir sobre os corpos e sobre as identidades de homens e mulheres.

Da antiguidade indiana ao período vitoriano: duas temporalidades do *Kama-Sutra*

Dentre as várias publicações que levam o título de *Kama-sutra* difundidas no mercado, a versão clássica foi escrita por Vatsyayana e posteriormente publicada na Inglaterra em 1883, sob a coordenação de Richard Francis Burton. Esta versão inglesa do *Kama-sutra* foi publicada sob o título *The Kama Sutra of Vatsyayana, Translated from the Sanscrit. In Seven Parts, with Preface, Introduction and Concluding Remarks* (O *Kama Sutra* de Vatsyayana. Traduzido do Sânscrito. Em sete partes, com Prefácio, Introdução e Observações Finais). Não constava o nome dos tradutores no livro, que foi impresso em papel grosso e encadernado em velino branco com frisos dourados, e tinha o seguinte colofão: “Cosmopoli: 1883: para a Sociedade Kama Shastra de Londres e Benares, exclusivamente para circulação privada”.⁶ Entre 1883 e 1885 teve duas reedições.⁷

Segundo K.M. Panikkar, o primeiro *Kama-sutra* parece ter sido composto entre os séculos I e IV da era cristã:

O limite superior dessa data é fixado pela alusão de Vatsyayana a um incidente relacionado com o rei Kuntala Satakarni, que reinou nos primeiros anos da era cristã. O limite inferior é proporcionado pelo fato de que Kalidasa, que viveu no máximo até o século V, tem, em sua obra, numerosas alusões que indicam o conhecimento detalhado do texto do *Kama Sutra*. Embora seja difícil, como no caso de autores indianos mais antigos, atribuir uma data exata à obra, é evidente que Vatsyayana viveu algum tempo antes de Kalidasa e depois do reino de Kuntala Satakarni, talvez antes do século IV de nossa era⁸

É possível que Vatsyayana tenha pertencido à casta dos brâmanes (sacerdotes hindus), pois enunciou que escreveu o *Kama-sutra* “quando estudante

⁶ ARCHER in VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Segundo a versão clássica de Richard Burton e F. F. Arbuthnot. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 9.

⁷ Idem.

⁸ PANIKKAR in VATSYAYANA, Mallanaga. Op. Cit., p. 34.

da religião e inteiramente entregue à contemplação da Divindade”.⁹ Entretanto, pouco se sabe sobre a vida do autor. Segundo Burton, Vatsyayana teria vivido, provavelmente, em Benares, na Índia.

De modo geral, o *Kama-sutra* de Vatsyayana é um livro com conselhos e reflexões escritos em aforismos (*sutras*), sobre os mais variados aspectos da vida humana, dentre eles o convívio em sociedade, o casamento, a aquisição de riquezas, as práticas religiosas e a satisfação dos prazeres sexuais, tanto de autoria de Vatsyayana quanto de outros autores versados no tema, citados por ele. Na antiga literatura de pensamento em sânscrito se desenvolveu uma forma conhecida como *sutra* – ou expressões concisas com um mínimo de palavras. A *sutra*, segundo Panikkar, como um estilo literário, exige um sistema de comentários explicativos e detalhados. Na maioria dos casos, o comentário (conhecido como *Vykhayana* ou *Bhashya*) é tão importante quanto o texto original.¹⁰

Dentre os variados aspectos da vida abordados nos *sutras* de Vatsyayana, o prazer sexual (*Kama*) teve considerável destaque, sendo o *corpus* central do livro. Segundo Vatsyayana, *Kama* é o gozo dos objetos pelos cinco sentidos (audição, visão, tato, paladar e olfato). No entanto, no contexto do livro, *Kama* (prazer) abrangia todas as relações entre homens e mulheres: educação, namoro, casamento e vida conjugal. Além de *Kama*, destacam-se outros princípios regulativos, tais como *Dharma* (deveres religiosos) e *Artha* (aquisição de riquezas). Portanto, a abordagem de Vatsyayana não foi, unicamente, a do prazer erótico.¹¹

No desenvolvimento desta pesquisa, percebemos que o *Kama-sutra* é um livro que materializa uma ressignificação da tradição hindu-bramânica. Vatsyayana foi influenciado e aperfeiçoou vários escritos anteriores a ele, sendo que seus estudos basearam-se, principalmente, no trabalho de Babharavya: “depois de ler e refletir sobre as obras de Babharavya e outros autores antigos, e ponderar sobre o

⁹ VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Op. Cit., p. 206.

¹⁰ PANIKKAR in VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Op. Cit., p. 34-35.

¹¹ Para auxiliar a compreensão do leitor, no Anexo I está a transcrição do sumário de uma das versões do *Kama-sutra* que utilizamos como fonte de pesquisa.

significado das regras por eles formuladas, o *Kama Sutra* foi composto por Vatsyayana”.¹²

Assim, o que há de peculiar nesta ressignificação é a perspectiva adotada por Vatsyayana. Tal perspectiva é a de que a tradição seria sucedida por uma ordem discursiva que preservaria uma “memória dos antigos” através da escrita, a partir dos preceitos *Dharma*, *Artha* e *Kama*, ambos correspondentes às escolas filosóficas tradicionais hindus. No entanto, em paralelo à manutenção da “memória dos antigos”, Vatsyayana fez novas interpretações, de acordo com suas experiências e leituras, criando novos dispositivos e disposições sobre as práticas sexuais e eróticas, que determinavam atitudes e condutas.

Havia uma moralidade norteadora no *Kama-sutra* de Vatsyayana que qualificou os sujeitos sociais conforme suas adequações ao código de conduta moral estabelecido na tradição hindu. Numa sociedade cujas estruturas eram fundamentadas a partir de valores morais, tal como nos grupos que seguiam esta tradição, fazer-se perceber de acordo com esses ditames da tradição era imprescindível à manutenção do poder. Portanto, as distinções criadas (ou reproduzidas) por Vatsyayana, sejam a partir da divisão em castas, gêneros, idades, características físicas, performances sexuais ou ligadas às relações matrimoniais ou extramatrimoniais, entre outras, compuseram um sistema de classificação do mundo social no qual o rei se encontrava no ápice da personificação da moralidade pública.

O rei era a materialidade do sistema simbólico de classificação e estratificação social. Desta forma, o soberano era uma figura jurídica que exercia seu poder de usufruto, confisco, subtração, apropriação, extorsão, sendo a expressão do direito legítimo e privilegiado da tradição, que lhe garantia plenos poderes sobre a vida dos súditos, inclusive para suprimi-la. Contudo, a soberania do rei era condicionada à sobrevivência e a manutenção da moralidade pública, preservada pela tradição.

No Código de Manu, o código moral e jurídico da tradição hindu, há um extenso capítulo destinado aos reis em seus respectivos ofícios de juízes, na qual

¹² PANIKKAR in VATSYAYANA, Mallanaga. Op. Cit., p. 36.

foi dissertado sobre as leis civis e criminais, e que tinha como penitência, em alguns casos, a pena de morte. De forma semelhante, no *Kama-sutra*, o monarca indiano idealizado por Vatsyayana, detinha um poder político soberano, mas concomitantemente, sofria uma cobrança moral, pois era ele a personificação da tradição hindu, manifestada a partir da prática das premissas presentes no Código de Manu.

Desta forma, o discurso destinado aos reis, no *Kama-sutra*, esteve ligado, predominantemente, à manutenção da tradição, do poder político e a administração sexual do harém. Segundo Vatsyayana, os reis e ministros de Estado não tinham acesso às residências dos súditos¹³, pois “as pessoas importantes não podem, portanto, praticar atos impróprios em público, pois isso não se coaduna com a sua posição e, se o praticassem, seriam passíveis de crítica”.¹⁴

Havia certos limites impostos às condutas e a vida pública dos reis e ministros. A imagem pública vinculada à idoneidade das condutas pessoais dos monarcas e chefes de Estado era imprescindível para a manutenção da tradição, dos poderes políticos e para a expansão de suas famas. Segundo Vatsyayana, “o rei que tiver conquistado os seis inimigos da humanidade torna-se senhor de toda a terra”.¹⁵ Desta forma, a busca pela contenção das paixões pessoais, sobretudo perante os súditos, era uma prática que deveria ser incorporada pelos reis e ministros.

O local adequado e seguro, segundo Vatsyayana, para que os reis usufríssem dos prazeres, inclusive das esposas alheias, era o harém. Eram nestes locais que os soberanos poderiam exercer sua privacidade, desvinculados à imagem pública. Vatsyayana sugeriu aos reis que utilizassem os seus poderes políticos, mediante diferentes estratégias e justificativas, para alcançar seus objetivos de ter prazeres com as mulheres dos súditos. Poderiam os reis, por

¹³ Vatsyayana destacou, com exemplos, os limites impostos ao convívio social dos reis: “o rei, porém, não deve entrar nunca na casa de outra pessoa, pois Abhira, rei dos kottas, foi morto por um lavador quando na casa de outra pessoa, o mesmo acontecendo com Jayasana, rei dos kashis, morto pelo comandante de sua cavalaria” Cf: VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Op. Cit., p. 167.

¹⁴ Ibidem. p. 165.

¹⁵ Em nota, Burton completou afirmando que estes seis inimigos são: “a Luxúria, a Ira, a Avareza, a Ignorância Espiritual, o Orgulho e a Inveja” Cf: BURTON in VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Op. Cit., p. 168.

exemplo, criar um conflito entre algum de seus embaixadores e o marido da mulher que desejava, fazendo da esposa sua escrava e serviçal (sexual) do harém.¹⁶

Podemos perceber, a partir dos conselhos de Vatsyayana aos reis, que na região onde o autor viveu a cultura dos reis de obterem prazeres sexuais com as esposas alheias poderia destruir a moralidade pública do seu reinado. Em outras regiões, nas quais os reis usufruíam dos prazeres sexuais das mulheres alheias sem a preocupação em zelar pelas repercussões que isso poderia acarretar sobre seus governos, não havia semelhante preocupação.¹⁷

Além destes aspectos ligados à manutenção da imagem pública, a moral que fundamentou a profusão de comportamentos instituída pelo autor não orientou o sujeito apenas para a satisfação dos prazeres, mas para uma ética que está centrada tanto em práticas místicas quanto em condutas religiosas, sociais e econômicas. Assim, Vatsyayana enunciou como objeção epistemológica a necessidade de racionalizar os métodos convenientes para a satisfação dos prazeres:

As relações sexuais, porque dependem do homem e da mulher, requerem a aplicação de meios adequados por eles e tais meios devem ser aprendidos no *Kama Shastra*. A não-aplicação dos meios adequados, como observados entre os animais irracionais, deve-se ao fato de não estarem sujeitos a quaisquer restrições, de as fêmeas apenas se encontrarem aptas para as relações sexuais em determinadas ocasiões e, finalmente, de as suas relações sexuais não serem precedidas de qualquer.¹⁸

A racionalização proposta por Vatsyayana no *Kama-sutra* referia-se, predominantemente, às relações heterossexuais. Embora Vatsyayana tenha dissertado sobre as variadas formas de coito nas relações homossexuais

¹⁶ VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Op. Cit., p. 167.

¹⁷ Segue alguns destaques, presentes no *Kama-sutra*, que Vatsyayana relatou sobre os costumes sexuais dos reis, em regiões diversas, na qual o autor sugeriu que não fossem praticados, pois poderia comprometer a imagem pública dos monarcas: “no país de andras as moças do povo recém-casadas vão ao harém real no décimo dia depois do casamento, levando presentes e, depois de terem sido desfrutadas pelo rei, são mandadas de volta” Cf: VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Op. Cit., p. 167; “no país dos vatsagulmas as esposas dos principais ministros procuram o rei à noite, para servi-lo Cf: Idem.; “no país dos vaidarbhas as esposas dos habitantes, quando são belas, passam um mês no harém real, a pretexto de demonstrar afeição ao rei” Cf: Idem.

¹⁸ Ibidem. p. 71. O termo *Kama Shastra*, citado no fragmento acima, refere-se ao livro escrito por Babhravya, que antecedeu Vatsyayana e, igualmente, pertenceu à tradição *Kama Sutra*. O *Kama Shastra* influenciou, sobremaneira, o *Kama-sutra* de Vatsyayana.

masculinas e femininas, percebemos que havia certa hierarquia, na qual as relações heterossexuais eram consideradas legítimas e as demais manifestações consideradas inferiores.

Em relação à tradução dos escritos de Vatsyayana para o idioma inglês, pelo que constou nos relatos dos tradutores, inicialmente não havia uma versão definida do *Kama-sutra*, sendo comparadas quatro versões da obra e um comentário, escrito, provavelmente, entre os séculos X e XIII, chamado *Jayamangla* (ou *Sutrabashya*).¹⁹ Eis o relato do trabalho de um dos pânditas (sacerdote hindu versado na língua sânscrita), de nome não revelado no livro, sobre a compilação e tradução do *Kama-sutra* para o inglês:

O manuscrito incluso foi corrigido por mim depois de compará-lo a quatro cópias diferentes do mesmo trabalho. Tive a assistência de um comentário chamado 'Jayamangla' para corrigir as cinco primeiras partes, mas foi grande a dificuldade na correção das restantes porque com exceção de uma cópia razoavelmente correta, todas as demais tinham grandes inexatidões. Considerei, porém, corretas as partes nas quais a maioria das cópias concordavam entre si.²⁰

Burton foi o membro de maior importância, status este que lhe rendeu um maior destaque em nossa pesquisa. Além de fomentar a publicação, ele auxiliou na tradução, editou e enunciou vários comentários ao longo da obra. Em seus comentários, percebemos que o projeto da tradução e publicação do *Kama-sutra* visava em especial à instituição de “novas” práticas sexuais aos seus contemporâneos. Para ele, importava não apenas “conhecer o outro”, mas “aprender com o outro”, e o discurso de Vatsyayana foi constituído por Burton neste “manual de aprendizagem”.

Percebemos que o esforço de Burton relacionado à tradução do *Kama-sutra* foi empreendido sob a influência do esoterismo e do orientalismo,²¹ que dominou parte dos estudiosos, exploradores e antropólogos do século XIX. Segundo Rice, Burton passou a idade adulta numa busca incessante da sabedoria secreta a que

¹⁹ BURTON in VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Op. Cit., p. 61-62.

²⁰ AUTOR DESCONHECIDO in VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Op. Cit., p. 61.

²¹ Orientalismo é um termo comumente utilizado para definir o estudo eurocêntrico do conjunto histórico e cultural das sociedades asiáticas. Em nossa pesquisa, nos utilizamos da obra *Orientalismo* de Edward W. Said como referência para análise desta temática. Mais informações em: SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

dava a ampla denominação de “gnose”, na esperança de que lhe permitisse descobrir a fonte da existência e o sentido de sua presença na Terra. Tal busca o levou a estudar a cabala, a alquimia, o catolicismo, uma casta hindu das mais arcaicas e a via erótica conhecida como “tantra”, depois investigando o sikhismo e passando por várias formas de islamismo antes de se firmar no sufismo, disciplina mística que escapa a rótulos simplistas.²²

A partir do *Kama-sutra*, Burton imaginou um “Oriente exótico”, portador de conhecimentos sexuais e eróticos, fato que caracteriza o discurso do tradutor-comentador como a fonte de dispersão daquilo que poderíamos definir como uma “geografia imaginada”. Desta forma, a “geografia imaginada” por Burton, pelo menos no *Kama-sutra*, delimitou a chamada “cultura indiana” a uma visão parcial, no qual os indianos foram representados para os leitores como os “típicos orientais”.

Conforme destacou Edward W. Said, de longa data “o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente), como sua imagem, ideia, personalidade e experiência de contraste”.²³ Além de considerado um erudito em assuntos orientais (ou seja, um orientalista), o tradutor-comentador do *Kama-sutra* era um entusiasta aos conhecimentos culturais indianos, uma vez que houve um esforço significativo de Burton em refletir sobre o pensamento e as práticas sexuais ocidentais a partir dos conselhos eróticos e sexuais enunciados por Vatsyayana no livro.

Muito mais que escrever sobre o Oriente, a “geografia imaginada” por Burton foi um subterfúgio discursivo utilizado para refletir sobre o próprio Ocidente: sua moral, seus sistemas de representação e suas práticas culturais. Ou seja, a partir da sua “comunidade imaginada” (tendo, neste caso, o *Kama-sutra* como referência) Burton criou uma representação sobre o Oriente com um efeito discursivo de considerável estímulo sobre as disposições afetivas dos leitores.

Em especial, no que se refere à publicação inglesa do *Kama-sutra*, percebemos que, a partir da leitura de Burton, o *Kama-sutra* foi “descontextualizado” da antiguidade indiana e “recontextualizado” no período

²² RICE, Edward. Op. Cit., p. 21.

²³ SAID, Edward W. Op. Cit., p. 13-14.

vitoriano,²⁴ com novos significados, sentidos, juízos e utilidades. O que nos interessou, de fato, nesta pesquisa, foram os deslizamentos de sentidos do *Kama-sutra* de Vatsyayana no discurso de Burton.

A análise dos deslizamentos de sentidos permitiu que observássemos os atravessamentos de outras posições, de outros discursos, de outras formações discursivas na obra. Segundo Dulce Beatriz Mendes Lassen,²⁵ os sentidos atribuídos por um autor em sua obra, tão plenamente assentados e tão estabilizados (tal como na obra de Vatsyayana), no encontro da história e com a atualidade, podem “escorrer”, ir para outro lado, promovendo rupturas (conforme ocorreu a partir da leitura-interpretação de Burton). Neste sentido, a análise dos deslizamentos de sentidos possibilitou, dentre outros fatores, observarmos os posicionamentos e as intenções de Burton em relação ao *Kama-sutra* de Vatsyayana no emaranhado de relações interdiscursivas e temáticas que influenciaram a tradução e os comentários presentes na obra.

Burton achava que o *Kama-sutra* era importante para os ingleses, pois continha muitas coisas novas e interessantes sobre a união sexual. Além disso, observava que a ignorância acerca da atividade sexual levava o homem inglês a não desfrutar totalmente dos prazeres matrimoniais, além de não satisfazer plenamente os desejos sexuais de sua esposa. Assim, percebemos que Burton buscou a partir do estudo sobre o passado indiano desenvolver críticas sobre a sexualidade do período vitoriano.

Apesar da abordagem de Vatsyayana não ser, unicamente a do prazer erótico, não se pode mais negar que as performances sexuais tiveram considerável destaque em seu discurso. No Capítulo II (sobre a união sexual), o autor dissertou sobre as várias performances possíveis para a satisfação plena dos indivíduos através da atividade sexual: modos de beijar, abraçar, arranhar, posições sexuais, entre outras. É possível que este tenha sido o trecho do livro mais significativo para Burton em suas reflexões e posicionamentos sobre a sexualidade feminina no

²⁴ É chamado de vitoriano o período no qual a Rainha Vitória reinou sobre a Inglaterra, no século XIX, de 1837 a 1901.

²⁵ LASSEN, Dulce Beatriz Mendes. Efeitos de sentidos: tentativa de contenção e deslizamento. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 40, p. 73-82, junho de 2010.

período vitoriano, pois Vatsyayana utilizou uma linguagem direta sobre a atividade sexual, sem “floreios moralizantes”.

Diferente da popular literatura romântica e moralizante dos vitorianos, Vatsyayana desenvolveu um discurso analítico, no qual relacionou de forma direta os aspectos anatômicos, biológicos e funcionais do corpo, na intenção de garantir que, a partir de performances sexuais variadas, os sujeitos obtivessem o êxito máximo dos prazeres:

Eis os lugares adequados ao beijo: a testa, os olhos, as faces, o pescoço, o peito, os seios, os lábios e o interior da boca.

(...) Quando o amor se torna intenso, os beliscões com a ajuda das unhas, ou os arranhões do corpo, são praticados nas seguintes ocasiões: na primeira visita; no momento de partir para uma viagem; de volta de uma viagem; no momento da reconciliação com um amante aborrecido; e, finalmente, quando a mulher está embriagada.

(...) Todas as partes do corpo que podem ser beijadas podem ser mordidas, com exceção do lábio superior, o interior da boca e os olhos. As qualidades dos bons dentes são as seguintes: devem ser iguais, ter um brilho agradável, passíveis de serem coloridos, de proporções adequadas, ininterruptos e com pontas afiadas.

(...) Quando as pernas tanto do homem como da mulher estão estendidas uma sobre as outras, adotam a “posição envolvente”, que se pode praticar de duas maneiras: na posição lateral e em decúbito dorsal. Na posição lateral o homem deve, invariavelmente, deitar-se do seu lado esquerdo e a mulher de seu lado direito, regra a ser observada em relação a todos os tipos de mulheres.²⁶

Predominantemente, ao longo do livro, Vatsyayana destinou seu discurso aos homens, como agentes ativos e produtores dos prazeres sexuais. Neste sentido, as representações compartilhadas por Burton no *Kama-sutra* sobre a “natureza sexual feminina” (considerada essencialmente passiva), concomitante a uma parcela emergente dos discursos médicos, reconheciam que as mulheres só se saciavam quando experimentavam o “espasmo genésico” (orgasmo).²⁷ Assim,

²⁶ VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Op. Cit., p. 98-107.

²⁷ O “espasmo genésico” (orgasmo), enquanto fenômeno físico-sexual, no discurso de Guyot, era tido como as contrações involuntárias e convulsivas dos músculos, sobretudo os relacionados e que afetavam os órgãos sexuais, incluindo aqueles que não obedecem aos comandos conscientes. Manifestava-se em diversas circunstâncias, mas especialmente se realizava de forma simultânea em homens e mulheres, produzindo um êxtase momentâneo. Para Guyot, nos seres humanos o ato genésico completo e perfeito era normal se, depois de sentido, deixasse um estado de bem-estar e saúde, comparado ao que resultava da satisfação de uma “necessidade imperiosa” (necessidade fisiológica) Cf: GUYOT, Jules. **Bréviaire de l’Amour Experimental**. Paris: Librairie Physiologique, 1882. p. 64. O êxtase e sensação de saciedade que acompanhava o espasmo físico era uma das

percebemos que, por exemplo, o discurso do Dr. Jules Guyot²⁸ sobre o espasmo genésico foi significativo para que Burton tirasse algumas conclusões sobre a natureza do prazer sexual feminino, referenciado em seus comentários, no livro. Guyot defendia a necessidade do marido e da esposa satisfazerem suas excitações sexuais de forma completa e perfeita, vivenciando a sensação do espasmo genésico.

Nas classificações de Guyot percebemos certa distinção entre os fenômenos fisiológicos dos fenômenos emocionais, distinção esta que era uma novidade na época. O “espasmo genésico”, nome caracterizado por ele para o orgasmo, segundo Guyot, manifestava-se em diversas circunstâncias, mas especialmente se realizava de forma simultânea em homens e mulheres, produzindo um êxtase momentâneo. A experiência da sensação do espasmo simultâneo, para Guyot, era muito rara, e um sinal da perfeição e da sensação natural da atividade sexual. Caso contrário, afirmou Guyot, quando a função genésica fosse interrompida ou insatisfeita, sintomas como a depressão e a fadiga possivelmente apareceriam, na qual poderiam resultar em distúrbios do sistema nervoso e outras doenças (tal como a histeria), originadas a partir do problema da excitação insatisfeita.²⁹

No período vitoriano, a sexualidade feminina foi tomada como um objeto de linguagem privilegiado das ciências médicas. Em especial, os discursos médicos sobre a histeria feminina foram subterfúgios utilizados para moralizar, interditar ou intervir sobre as práticas sexuais das mulheres. Assim, havia os que afirmavam que a histeria feminina era uma doença originada por perturbações no útero. Muitas mulheres compareciam nos consultórios médicos para serem literalmente masturbadas pelos médicos, que acreditavam que a massagem vaginal (que não era considerada uma forma de coito) poderia acalmar o útero feminino. No entanto, no final do século XIX, médicos como Guyot, Charcot e Freud

características emocionais do espasmo genésico. Após o choque nervoso que caracterizaria o espasmo físico, os indivíduos sentiriam uma sensação de perfeita calma, no qual o estado “mais negro da mente” tenderia a alegria e “expansão do coração” Cf: *Ibidem*. p. 64-65.

²⁸ Jules Guyot (1807-1872) se dedicou a várias áreas do conhecimento, dentre elas a física, a medicina e a agronomia, além da política. Teve um currículo acadêmico de considerável destaque nestas áreas, com várias publicações. Em especial, no que se refere à medicina, aspirava, mediante reflexões filosóficas, algumas considerações sobre a fisiologia humana e suas relações com as emoções. Mais informações em: GUYOT, Jules. *Op. Cit.*

²⁹ *Ibidem*. p. 64-65.

questionaram, direta ou indiretamente, as teorias sobre a histeria feminina e suas possíveis relações com as “perturbações no útero”.

As críticas de Guyot aos meios artificiais de obter o espasmo genésico e sua defesa à satisfação plena do prazer feminino (a partir da penetração) tiveram substancial influência sobre as representações de Burton enunciadas no *Kama-sutra*. Segundo Guyot, quando a função genésica fosse interrompida na mulher, ou se mantivesse incompleta pela ignorância, fadiga, ou egoísmo do homem; ou quando a mulher, totalmente entregue e fiel aos “deveres do matrimônio” vivesse sob influência de constante excitação (sem que jamais a função genésica fosse completa e normal), a diminuição, a fadiga, o desgosto e, por vezes, o desespero cujos motivos estão além dela (pois dependeria do marido para satisfazê-la), sobrecarregariam sua existência e lhe causariam problemas psicológicos, nos quais poderiam apresentar resistências a todos os conselhos de higiene e todos os meios de intervenção médica (se referindo, supostamente, a eficácia das massagens vaginais praticadas pelos médicos para “acalmar o útero feminino”).

Nos debates sobre a natureza e as terapias possíveis à histeria feminina, Guyot afirmou que a ausência de satisfação sexual feminina ocasionaria o aparecimento dos sintomas característicos do “quadro patológico histérico”. Burton, influenciado pelas teorias de Guyot, afirmou que vários maridos, por ignorarem o sentimento das esposas, não prestavam atenção à paixão das mesmas. Segundo ele, era preciso preparar a mulher para a cópula, se é que se pretende satisfazê-la plenamente. E elas só se saciavam ao “experimentar o espasmo genésico”.³⁰

A partir destas considerações, o *Kama-sutra* teve, em certos aspectos, um caráter terapêutico em relação aos discursos médicos e a literatura romântica do período vitoriano, pois se consolidou como um “manual de aprendizagem” sexual. No entanto, não foram para as mulheres que Burton idealizou a tradução do livro. Ou seja, nos termos de Ricoeur, as mulheres não foram as “leitoras virtuais” (destinatário), pressupostas por Burton nos comentários do livro. Pelo contrário, o tradutor-comentador, em seus enunciados, deixou claro que seria importante que

³⁰ BURTON in VATSYAYANA, Mallanaga. *Kama Sutra*. Op. Cit., p. 92.

partisse dos homens a investida sexual para que as mulheres tivessem uma satisfação plenamente no sexo. Portanto, as representações sobre o feminino, sobretudo relacionadas ao prazer sexual, foram sobrecarregadas de perspectivas e proposição de comportamentos destinados aos homens.

Burton e o *Kama-Sutra*

Na primeira publicação inglesa do *Kama-sutra* (1883), Burton, além de tradutor, foi um comentarista das enunciações de Vatsyayana. Assim, há inúmeras notas em que Burton comentou os aforismos, inclusive apresentando interpretações e sugerindo leituras de outros livros. Além das notas, os comentários de Burton estão presentes no Prefácio, na Introdução, nas notas introdutórias ao Sexto Capítulo (sobre as cortesãs) e nas Conclusões Finais.

Na Introdução, Burton ao referir-se à Vatsyayana, relatou que pouco ou nada se sabe do autor. Segundo ele, o verdadeiro nome do autor parecia ter sido Mallinaga ou Mrillana, sendo Vatsyayana o nome de família.³¹ Nas suas conclusões, Burton lamentou a ausência de informações sobre Vatsyayana, enunciando que “é de lamentar, e muito, que nada se tivesse descoberto sobre sua vida e onde viveu”.³² Sobre o período histórico que viveu Vatsyayana, Burton relatou:

É impossível fixar a data exata, seja da vida de Vatsyayana ou de sua obra. Acredita-se ter ele vivido entre os séculos I e IV da era cristã, pelas razões que se seguem. Diz ele que Satakrni Satavahana, rei de Kuntal, matou Malayevati, sua mulher, com um instrumento chamado *kartari*, golpeando-a em meio à paixão do amor, e Vatsya menciona o caso como advertência ao perigo representado pelo antigo costume de bater nas mulheres, sob a influência dessa paixão. Ora, esse rei de Kuntal teria vivido e reinado no primeiro século da era cristã e, portanto, Vatsya deve ter vivido depois dele. Por outro lado, Virahamihira, no 18º capítulo de seu *Brihatsanhita*, trata da ciência do amor e parece ter-se inspirado muito em Vatsyayana. Afirma-se que Virahamihira viveu no século VI, e, como Vatsya forçosamente escreveu sua obra antes dele, isso não pode ter ocorrido antes do século I, nem depois do século VI de nossa era, devendo esta ser considerada a data aproximada de sua existência.³³

³¹ Ibidem. p. 61.

³² Ibidem. p. 209.

³³ Ibidem. p. 62.

Posteriormente, surgiram novas especulações sobre o período em que viveu Vatsyayana, tal como apresentamos na introdução deste trabalho. O que nos interessa, neste momento, é demonstrar que, para Burton, Vatsyayana foi quase um desconhecido, tornando-se uma espécie de mito, pondo em suspeita a própria existência daquele autor. Neste sentido, em nossas análises, trataremos o discurso proveniente do *Kama-sutra* como de autoria de Vatsyayana, porém, sabemos que novas pesquisas podem elucidar diferentes perspectivas em relação à autoria e a tradução do clássico.

Burton, conforme relatou, ficou sabendo inicialmente de Vatsyayana através da tradução e produção de outro livro do sânscrito para o inglês, o *Anunga Runga* (ou *Ananga Ranga*). Com a ajuda de pânditas (sacerdotes hindus e conhecedores da língua sânscrita) Burton versou a tradução do *Anunga Runga*, o livro que contém referências à Vatsyayana. Foi a partir da tradução do *Anunga Runga* que os pânditas indicaram a Burton o *Kama-sutra*. Assim, Burton conheceu Vatsyayana através, basicamente, das opiniões que o autor enunciou nos manuscritos que foram utilizados para a elaboração das traduções do *Kama-sutra* e do *Anunga Runga*.

Os manuscritos utilizados para produzir a versão inglesa do *Kama-sutra* também não possuem uma datação precisa. Tais manuscritos, a partir do que Burton relatou, além de imprecisos, careciam de um texto original, sendo encontrados em várias versões:

Surgiram naturalmente perguntas sobre quem era esse sábio e os pânditas responderam que era o autor da obra clássica sobre o amor na literatura sanscítica, que nenhuma biblioteca dessa literatura seria completa sem tal obra e que era extremamente difícil consegui-la em sua totalidade. A cópia do manuscrito obtida em Bombaim era incompleta, e os pânditas escreveram a Benares, Calcutá e Jeypoor pedindo outras às bibliotecas sanscíticas. Essas cópias foram então comparadas, e com a ajuda de um comentário chamado “Jayamangla”, preparou-se uma versão revista, sobre a qual foi feita a tradução inglesa. Eis a certidão passada pelo pândita mais importante:

“O manuscrito incluso foi corrigido por mim depois de compará-lo a quatro cópias diferentes do mesmo trabalho. Tive a assistência de um comentário chamado “Jayamangla” para corrigir as cinco primeiras partes, mas foi grande a dificuldade na correção das restantes porque com exceção de uma cópia razoavelmente correta, todas as demais

tinham grandes inexatidões. Considerei, porém, corretas as partes nas quais a maioria das cópias concordavam entre si”.³⁴

Burton expressou certo enaltecimento em relação ao trabalho desempenhado por ele e seus companheiros na compilação e tradução dos aforismos. No entanto, o mérito da tradução do livro, historicamente, ficou apenas, com ele e Arbuthnot, que foram os responsáveis pela produção e publicação do livro, sendo que sequer foram mencionados os nomes dos demais tradutores (tais como os pânditas indianos).

Nas conclusões do livro, mesmo discorrendo sobre a carência de inúmeras informações que impossibilitaram um trabalho crítico sobre as fontes, Burton ressaltou a importância da obra para o estudo e conhecimento das “épocas passadas”:

A obra também pode ser recomendada, com razão, ao estudioso da ciência social e da humanidade e, acima de tudo, ao estudante das idéias de épocas antigas, que aos poucos se filtraram pelas areias do tempo e que parecem provar que a natureza humana de hoje é exatamente a mesma das épocas passadas.³⁵

O discurso de Burton sobre a natureza sexual emergiu num período em que a cultura ocidental europeia foi influenciada por vários discursos sobre o sexo. A crescente racionalização moderna do sexo e dos papéis sociais e sexuais possibilitou a instituição, cada vez mais hegemônica, de uma “verdade” sobre a natureza dos indivíduos, que se tornou o primado epistemológico de boa parte dos projetos modernizadores da sociedade burguesa.

Nos comentários de Burton há alguns trechos nos quais ele relacionou o *Kama-sutra* com outros discursos, sobretudo ligados à ciência sexual do período. Esta “ciência do sexo”, referenciada por Burton, além de analisar os variados aspectos da sexualidade humana, também propunha formas de intervenção sobre o comportamento e as práticas sexuais dos indivíduos.

³⁴ Ibidem. p. 61.

³⁵ Ibidem. p. 207.

Segundo Michel Foucault,³⁶ as causas para a emergência desses discursos sobre o sexo que marcaram o final do século XIX são remotas. Foucault observou que, sobretudo no Ocidente e ao longo dos séculos, as práticas sexuais tornaram-se objeto de controle e regulação por parte dos “aparelhos de reclusão” (escolas, hospitais, igrejas, etc.), e observou no rito da confissão e na regulamentação do sacramento da penitência pelo Quarto Concílio de Latrão (1215) o surgimento das intervenções e a produção de uma “verdade” sobre o sexo. Mas, foi com o desenvolvimento dos saberes médicos que a atividade sexual tornou-se objeto científico: o “confessionário foi ‘substituído’ pelo divã”, e a produção de uma “verdade” sobre o sexo ficou restrita, em partes, a um poder-saber científico denominado sexualidade.³⁷ Segundo ele, à primeira vista, somente a civilização ocidental praticou uma *Scientia Sexualis* (sexualidade).

Sob os auspícios da *Scientia Sexualis*, assim como Burton, surgiram novos agentes do poder normatizador e disciplinar do sexo: professores, juízes, médicos, terapeutas. Percebemos que a “fala autorizada” sobre o sexo não foi apenas emanada pelo Estado ou representada por uma classe burguesa que arregimentou estes agentes. Mas é um poder que se configurou e se manifestou numa relação dialógica e numa multiplicidade de poderes, de lutas contínuas, que se espalham pela sociedade e que são situadas nas relações entre os corpos, que poderiam ser aglutinadas em instituições ou classes, mas que, sobretudo, produziram saberes, desejos e estados corporais, que geraram resistências e contra-poderes.

Quando Burton enunciou que o *Kama-sutra* parecia provar que a natureza humana era perfeitamente idêntica à de outras eras, pois o conhecimento da vida particular, doméstica e social dos antigos indianos poderia contribuir para o

³⁶ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

³⁷ Segundo Michel Foucault, o termo “sexualidade” surgiu recentemente, no início do século XIX. E o uso da palavra foi estabelecido como significado para fenômenos que envolvem o desenvolvimento de conhecimentos, tais como os mecanismos biológicos de reprodução ou sócio-comportamentais; a instauração de conjuntos de normas e regras (em parte tradicionais e em parte novas, que se apoiaram em instituições de cunho religioso, judiciário, pedagógico e médico); como também as mudanças nos modos pelos quais os indivíduos foram levados a dar sentido e valor à suas condutas, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos, e a reconhecerem-se como sujeitos de uma “sexualidade”, numa intersubjetividade que se intercambiou em diversos campos do conhecimento (saberes e normatividades), e que constituiu a experiência de boa parte dos indivíduos Cf: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 9-10.

aprimoramento das relações entre os homens e as mulheres vitorianas, ele transferiu e sobrepôs a constatação histórico-discursiva do texto para uma ação ideológico-discursiva, no qual não contemplava, apenas, o conhecimento da antiguidade indiana, mas os usos do *Kama-sutra* como fonte de conhecimentos eróticos e sexuais. Assim, para ele, o livro tinha um valor existencial, pois poderia conduzir os leitores a reflexões sobre assuntos que julgava importante, para o público em geral:

Se toda ciência se baseia, em menor ou maior grau, em fatos, não pode haver dano em tornar conhecidos dos homens em geral certas questões intimamente relacionadas com a sua vida privada, doméstica e social. A completa ignorância dessas questões tem, infelizmente, destruído muitos homens e muitas mulheres, quando um pequeno conhecimento dessa matéria, em geral ignorada pelas massas, teria permitido a numerosas pessoas compreender muitas coisas que lhes pareciam totalmente incompreensíveis, ou que não eram consideradas dignas de sua atenção.³⁸

Essa racionalização moderna exposta por Burton, originada a partir do acúmulo dos saberes científicos, embora pautada nos pressupostos da razão, da objetividade e da desmistificação do “irracionalismo das antigas tradições”, que pareciam libertar os indivíduos de todas as sujeições morais, fundou um novo modelo de subjetividade não menos vinculada às estruturas de poder e controle disciplinar do que as pré-modernas. Burton investigava sobre a natureza humana sexual, e que os saberes contidos no *Kama-sutra* eram a expressão de uma “verdade” sobre o sexo.

Neste sentido, como condição preliminar para compreendermos os deslizamentos de sentido do *Kama-sutra* de Vatsyayana na tradução inglesa, publicada no final do século XIX, percebemos que é necessário considerar as intencionalidades de Burton em relação à publicação do livro. Assim, observamos que a articulação discursiva de Burton no *Kama-sutra*, sobretudo relacionada à natureza dos indivíduos, estava indissociável da necessidade de uma reflexão sobre a própria existência humana, seja sobre a vida privada ou social. Além disso, a articulação discursiva estava indissociável da instituição de “novas” (ou, segundo

³⁸ BURTON in VATSYAYANA, Mallanaga. *Kama Sutra*. Op. Cit., p. 60.

ele, “desconhecidas”) práticas sexuais que, conforme afirmou, eram ignoradas pela massa em geral.

Segundo afirmou, o *Kama-sutra* deveria ser estudado por todos, pois a compreensão das “verdades autênticas”³⁹ presentes no livro poderiam fornecer “grandes vantagens em aprender coisas que talvez não aprendessem nunca, sem este livro, ou só aprendessem tarde demais (“tarde demais”, as palavras imortais de Mirabeau) para que lhes fossem de utilidade”.⁴⁰ A dissertação sobre fatos variados (ligados ao sexo) e a escrita em linguagem popular fez com que Burton considerasse o *Kama-sutra* uma obra singular, pois, segundo ele, fornecia conhecimentos sexuais outrora zelados.

Possivelmente, Burton se posicionou de tal forma em função da moralidade vigente no período, que encontrava subterfúgios para interditar a sexualidade tanto na legislação inglesa quanto no discurso médico ou literário. Enquanto um sujeito social, que foi influenciado por determinações históricas, Burton esteve imerso no emaranhado de relações discursivas e práticas culturais que, conseqüentemente, influenciaram a publicação do *Kama-sutra* no período.

Considerações Finais

Analisar o discurso de Vatsyayana e Burton sem considerar as relações que compuseram seus posicionamentos em relação às mulheres poderia conduzir nossas considerações a equívocos nos quais reproduziríamos as mesmas relações hierárquicas que mantém, em partes, a misoginia feminina. Neste sentido, considerar o *Kama-sutra* um livro importante para as mulheres, tal como fez Burton, sobretudo por promover o bem-estar sexual delas, acabou por reproduzir as hierarquias, as performances e as funções sociais de gênero, de uma parcela do campo médico que via nas mulheres uma natureza inferior à masculina.

De fato, havia uma preocupação explícita, destacada por Vatsyayana e Burton, em enaltecer a importância de que os homens deveriam ter em observar os sinais do prazer (corporais e emocionais) das mulheres no congresso sexual. Segundo Burton, a grande arte sexual seria verificar o que proporcionava maior

³⁹ Ibidem. p. 207.

⁴⁰ Idem.

prazer às mulheres, e que formas seriam por elas preferidas. Esta equiparação do desejo sexual de homens e mulheres foi um fenômeno importante na história da sexualidade ocidental.

Segundo Zygmunt Bauman,⁴¹ o Ocidente, de forma geral, vivenciou duas revoluções sexuais. Se na primeira revolução sexual ocidental, as células familiares foram decisivas para o empreendimento como um todo, e se constituíram na relação hierarquizada dos papéis e áreas de atuação dos membros da família, a segunda revolução sexual ocidental foi uma tendência que buscou superar este sistema hierarquizado. Assim, Bauman afirmou que a segunda revolução sexual (predominantemente do século XX) desenvolveu outro padrão de sexualidade, que se transferiu da sexualidade normativa (característica da primeira revolução sexual) para outros mecanismos de autocontrole individual, no qual a aptidão física, o primado da experiência sexual e das sensações corporais tornou-se fundamental.

Em especial, a literatura se constituiu em um espaço pelo qual os indivíduos foram levados a transgredirem as obrigações assumidas, laços protegidos, direitos adquiridos (característicos da primeira revolução sexual ocidental) e a se conhecerem enquanto sujeitos sexuais. Não foram poucas as obras, desde a antiguidade que tomaram o sexo como objeto da linguagem. Assim, Sarane Alexandrian,⁴² referindo-se à história da literatura erótica, enunciou que foi no velho continente europeu que o erotismo tornou-se um gênero literário e que obras orientais tidas como eróticas, que tinham um sentido religioso em seus países de origem, como o *Kama-sutra*, adquiriu um sentido profano.

Acreditamos que os debates sobre a natureza do prazer sexual feminino e, principalmente, os discursos sobre a histeria (a partir de Guyot) foram determinantes para que o *Kama-sutra* fosse considerado uma “literatura de transgressão”, sobretudo relacionada à sexualidade normativa da primeira revolução sexual. De qualquer forma, este fenômeno é relativo à sua tradução-apropriação para o inglês (século XIX), pois em sua formação discursiva original

⁴¹ BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

⁴² ALEXANDRIAN, Sarane. **História da literatura erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

(Índia antiga), como visto, teve outro sentido. Do *Kama-sutra* foi “decantado” o hedonismo, que afirma que o prazer é o supremo bem da vida humana.

Portanto, consideramos que reconhecer a sensibilidade anatômica e fisiológica e o direito das mulheres ao prazer sexual, tal como fizeram Freud, Reich, Guyot e Burton não foi, de forma alguma, uma garantia de liberdade para as mulheres do subjugado machista. Seria uma ilusão acreditar que a reivindicação ao prazer sexual feminino estaria desvinculada das relações de poder relativos à sexualidade. Neste sentido, houve uma redistribuição dos poderes relacionados à atividade sexual entre homens e mulheres, mas não a superação das hierarquias de gênero que refletem as relações de poder econômicas, políticas, sociais, terapêuticas, estéticas, entre outras.

De fato, Burton reivindicou o direito das mulheres à satisfação dos prazeres sexuais, entusiasmado com as discussões feitas por Vatsyayana. Mas, também alicerçado numa parcela da ciência médica (a partir de Guyot) foi tendencioso em buscar certa adequação aos papéis masculinos e femininos. No *Kama-sutra*, embora as identidades de gênero não sejam fixas, houve um esforço significativo em delinear as fronteiras entre os gêneros nas performances sexuais de homens e mulheres. Assim, houve a estruturação do discurso a partir da dicotomia homem/mulher. Neste sentido, as representações, intervenções e disciplinas, construídas social e culturalmente, buscavam incidir sobre os corpos e sobre as identidades.

Além disso, a partir das afirmações de Guyot, o *Kama-sutra* teve, em certos aspectos, um caráter terapêutico em relação aos discursos médicos e a literatura romântica do período vitoriano, pois se consolidou como um “manual de aprendizagem” sexual. No entanto, não foram para as mulheres que Burton idealizou a tradução do livro. Pelo contrário, o tradutor-comentador, em seus enunciados, deixou claro que seria importante que partisse dos homens a investida sexual para que as mulheres se satisfizessem plenamente no sexo. Portanto, as representações sobre o feminino, sobretudo relacionadas ao prazer sexual, foram sobrecarregadas de perspectivas e proposição de comportamentos destinados aos homens.

Embora o discurso de Burton se fundamentasse nos discursos médicos do período, tomando um caráter terapêutico, podemos afirmar que, em função das características do discurso de Vatsyayana, de uma forma geral, o *Kama-sutra* também manteve certo caráter culturalista, de reflexão da sexualidade a partir do antagonismo Oriente X Ocidente. Assim, além de didático (pois continha “saberes sexuais”) poderia o *Kama-sutra* ser tomado de variadas formas, afinal de contas o livro, na visão de Burton, tinha um valor histórico e cultural. Neste sentido, o “exotismo oriental”, que, supostamente, traria um sentimento inusitado às variações de coito, tornou-se um elemento no jogo performático corporal-sexual. Este exotismo simbólico e performático tenderia a criar novas formas de significação sobre o sexo e as práticas sexuais.

Se, como afirmou Michel Foucault, uma história da sexualidade deve ser feita do ponto de vista de uma história dos discursos,⁴³ acreditamos que identificar e analisar os discursos em relação ao erotismo e a sexualidade – e suas múltiplas perspectivas –, além das formas de intervenções, inibições, emancipações, liberações, tal como fizemos nesta pesquisa, possibilita compreendermos a complexidade das diferentes perspectivas instituídas sobre as relações sexuais, as relações de gênero, poderes, restrições, funções, que criam sentidos às experiências pessoais.

Para além dos fenômenos linguísticos relacionados à apropriação de Burton do *Kama-sutra* de Vatsyayana, a problemática relacionada à análise das relações de gênero nos revelou que o livro, embora sobrecarregado de um exotismo simbólico e sexual – que parecia liberar o sexo de todas as relações de poder – esteve imerso num emaranhado de relações que delineava as fronteiras das performances sexuais de homens e mulheres, suas hierarquias, funções e possibilidades de intervenção. Neste sentido, estas fronteiras que delineavam as relações de gênero nos revelaram que a construção social dos corpos e as identidades de homens e mulheres, embora sob uma “nova roupagem” (a partir de Burton), reproduz, em partes, a misoginia que acompanhou, de diferentes formas, a história das mulheres.

⁴³ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade...** Op. Cit., p. 67.

Referências Bibliográficas

- ALEXANDRIAN, Sarane. **História da literatura erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ARAÚJO JUNIOR, Anastácio Borges de. **Platão e Freud: duas metáforas da alma humana**. Recife, 1999. 120 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Pernambuco.
- ASHBEE, Henry Spencer. **Index de livros proibidos**. Tradução de H. Dobal e Aurélio de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1970.
- AUBOYER, Jeannine. **O mundo da arte: mundo oriental**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.
- BARBOSA, Renata Cerqueira. **Concepções da sexualidade romana na Inglaterra vitoriana: a leitura sobre Ovídio**. Assis, 2011. 181 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (Campus de Assis).
- BARROS, José D'assunção. O amor cortês: suas origens e significados. **Revista Raído**, Dourados, v. 5, n. 9, p. 195-216, jan./jun. 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BLOCH, R. Howard. **Misoginia Medieval: e a invenção do amor romântico ocidental**. Tradução de Claudia Moraes. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Tradução de Carmen C, Varriale et ali.; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- BONA, Aldo Nelson. **História verdade e ética: Paul Ricoeur e a epistemologia da história**. Guarapuava: Unicentro, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer**. Pref. Sérgio Miceli. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.
- BRIHASPATI. **Brihaspati Sutra**. The Science of politics according to the school of Brihaspati. Translation by F. W. Thomas. Lahore: The Punjab Sanskrit Book Depot, 1921.
- BRIQUET, Paul. **Traité clinique et thérapeutique de l'hystérique**. Paris: Balière, 1859.

- BRUCKNER, Pascal.; FINKIELKRAUT, Alain. **A nova desordem amorosa**. Tradução de D. J. de Saingalf. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARVALHO, Bruno Silva. Similaridades entre a tradição upanishádica e a filosofia grega antiga. **Revista Sacrilogens**, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, p. 124-141, jul/dez 2012.
- CASSIRER, Ernst. **A filosofia do iluminismo**. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: Unicamp, 1992.
- CAVACO, Cristina Frois de Figueiredo Baptista. **Mulheres na sombra: Great victorian women behind great victorian men**. Lisboa, 2010. 285 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.
- CAVALCANTE, Berenice. **A revolução francesa e a modernidade**. São Paulo: Contexto, 1991.
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n.16, p. 179-192, 1995.
- CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- DANNER, Fernando. Cuidado de si e estética da existência em Michel Foucault. **Revista Filosofazer**, Passo Fundo, n. 32, p. 73-94, jan/jun 2008.
- DONINGER, Wendy. **Vātsyāyana Kāmasūtra**. A new translation by Wendy Doniger and Sudhir Kakar. New York: Oxford University Press, 2002.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Formação do Estado e civilização**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. V. 1.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- ___. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- ___. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- ___. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREIRE, Maria Helena de Bastos.; FREIRE FILHO, Ruy Alfredo de Bastos (org.). **A escola dos Nathas e as origens do Hatha Yoga**. São Paulo: Tantrayana, 2007.

FREUD, Sigmund. Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. In: ___. **Freud**. Livro 31. Tradução de Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 26-47.

___. A história do movimento psicanalítico. In: ___. **Os pensadores: Freud**. Tradução de Durval Marcondes. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 37-84.

FUNCK, Susana Bornéo. Da questão da mulher à questão do gênero. In: ___. **Trocando idéias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: UFSC, 1994.

GAMA, Gloria Maria Oliveira. **Escrita masculina/personagens femininas: os contos de Rinaldo de Fernandes**. João Pessoa, 2012. 174 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. A educação dos sentidos. Tradução de Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. A paixão terna. Tradução de Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. O alto e o baixo: o tema do conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII. In: ___. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIORGI, Tania Giandoni Wolkoff. **Comunicação social e constituição de 1988: programação televisiva e censura**. São Paulo, 2008. 136 p. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUYOT, Jules. **Bréviaire de l’Amour Experimental**. Paris: Librairie Physiologique, 1882.

HECHT, Jennifer Michael. **Dúvida: uma história**. Tradução de Antônio de Padua Danesi. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

KAUTILYA. **Arthashastra: Kautilya (o Maquiavel da Índia)**. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

KORFMANN, Michael. O romantismo e a semântica do amor. **Revista Fragmentos**, Florianópolis, n. 23, p. 83-101, jul-dez/ 2002.

LASSEN, Dulce Beatriz Mendes. Efeitos de sentidos: tentativa de contenção e deslizamento. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 40, p. 73-82, junho de 2010.

- LINS, Regina Navarro; BRAGA, Flávio. **O livro de ouro do sexo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- LOMBROSSO, C.; FERRERO, G. **La donna delinquent**: la prostitute e la donna normale. 4. ed. Torino: Fratelli Bocca Editori, 1923.
- MALLA, Kalyana. **Ananga-ranga**. Tradução de Olívio Tavares de Araújo. Brasília: Editora Brasília, s/d.
- MANU. **Leyes de Manú**. Manava-Dharma-Sastra. Buenos Aires: Scharpire, 1945.
- MARGOLIS, Jonathan. **A história íntima do orgasmo**. Tradução de Myriam Campello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, set-dez/2005.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- MATOS, Ralfo. População, recursos naturais e poder territorializado: uma perspectiva teórica supratemporal. **Revista brasileira de estudos populacionais**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 451-476, jul./dez. 2012.
- MICHELET, Jules. **L'Amour**: ouvres completes – XVIII. Paris: Flammarion, 1985.
- MORUS, Thomas. **A Utopia**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- NAXARA, Márcia R. C. Iluminismo e romantismo: linhas mestras para pensar o Brasil. In: PEDRO, Joana Maria.; ISAIA, Artur Cesar.; DITZEL, Carmencita de Holleben Mello. (Org.). **Relações de poder e subjetividades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. p. 227-242.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.
- ORLANDI, Eni P. (org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.
- _____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4ª. ed. Campinas: Pontes, 1996.
- _____. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 9.ed. Campinas: Pontes, 2010.

PANIKKAR, Raimundo. Tempo e história na tradição da Índia. *In*: RICOEUR, Paul (org.). **As culturas e o tempo**. Tradução de Gentil Tilton, Orlando dos Reis e Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Vozes, 1975. p. 73-94.

PEREIRA, Ivonete. **As decaídas**: prostituição em Florianópolis (1900-1940). Florianópolis: UFSC, 2004.

POUILLET, T. **De l'onanisme chez la femme**: ses formes, ses causes, ses signes, ses conséquences et son traitement. 7. ed. Paris: Librairie Vigot Frères, 1897.

RAGO, Margareth. Subjetividade, feminismo e poder, ou podemos ser outras? *In*: PEDRO, Joana Maria.; ISAIA, Artur Cesar.; DITZEL, Carmencita de Holleben Mello (org.). **Relações de poder e subjetividades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**: problemas econômico-sexuais da energia biológica. 9ª edição. Tradução de Maria da Glória Novak. São Paulo: Editora brasiliense, 1975.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Maria do Rosário Gregorin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Paulo: Claraluz, 2005.

RICE, Edward. **Sir Richard Francis Burton**: o agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu os Kama Sutas e trouxe As Mil e uma Noites para o Ocidente. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

RIG VEDA. *In*: YUTANG, Lin. **Piedade indiana e humor indiano**. Tradução de Beata Vettori e Marques Rebelo Sodrê Vianna. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. p. 27-54.

ROBERTS, M. J. D. *Morals, Art, and the Law: The Passing of the Obscene Publications Act, 1857*. **Victorian Studies**, Indiana, v. 28, n. 4, p. 609-626, Summer, 1985.

ROUANET, Sergio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SARASWATI, Aghorananda. **Mitologia hindu**: o universo de deuses e mitos da Índia. São Paulo: Madras, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SERRA, Sandra Torres. **Psicanálise e medicina**: uma interlocução histórica, de saber, de prática e de formação. Rio de Janeiro, 2009. 120 p. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Carla Fernanda da. O Kama Sutra e o cuidado de si. **Revista Linguagens**, Blumenau, v. 5, n. 3, p. 220-237, set./dez. 2011.

_____. Manual do Desejo: o leitor ocidental do Kama Sutra. **Cadernos de Literatura e Diversidade (UEFS)**, v. 7, p. 117-128, 2011.

SILVESTRE, Paulo Armando da Cunha. **Vivências do feminino no final de oitocentos**: representação da mulher em alguns romances e periódicos da época. Lisboa, 2009. 140 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares) – Universidade Aberta, Lisboa, 2009.

SPINELLI, Miguel. **Helenização e recriação de sentidos**: a filosofia na época da expansão do cristianismo, séculos II, III, e IV. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

STALL, S. **What a young husband ought to know**. Filadélfia: The Vir Publishing Company, 1907.

TEZZA, Cristovão. Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin. *In*: FARACO *et al.* **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba: Hatier, 1988.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Tradução de Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994.

TRILLAT, Etienne. **História da histeria**. Tradução de Patrícia Porchat. São Paulo: Escuta, 1991.

TUCKMANTEL, Maisa Maganha. **Educação sexual**: mas qual? Campinas, 2009. 393 p. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

UPANISHADS. *In*: YUTANG, Lin. **Piedade indiana e humor indiano**. Tradução de Beata Vettori e Marques Rebelo Sodrê Vianna. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. p. 55-88.

VATSYAYANA. **Kama-sutra**. O mais completo tratado sexual do oriente. Rio de Janeiro: Editora Skorpios, s/d. V.1 e V.2.

___ . **The Kama sutra of Vatsyayana**. Translated by Sir Richard Francis Burton and F. F. Arbuthnot. Edited with a preface by W. G. Archer. Introduction by K. M. Panikkar. London: George Allen and Unwin Ltd, 1963.

___ . **Le Kama Soutra**. Théologie Hindoue. Regles de l'amour de Vatsyayana (morale des brahmanes). Traduit par E. Lamairesse (ancien ingénieur en chef des établissements français dans l'inde. Paris: Georges Carré Éditeur, 1891.

___ . **Kama Sutra**. Segundo a versão clássica de Richard Burton e F. F. Arbuthnot. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

___ . **Kama Sutra**. Tradução de Eduardo de Noronha. Lisboa: Livraria Viuva Tavares Cardoso, 1904.

___ . **Kama Sutra**. Tradução do sânscrito de Daniel Moreira Miranda e Juliana Di Fiori Pondian. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

WEININGER, Markus Johannes. Tradução, alteridade e alteração da identidade: o Kama Sutra como veículo de mudanças sociais no Ocidente e na Índia. X ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES E IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE TRADUTORES, 10, 2009, Ouro Preto. **Programação e resumos...** Ouro Preto: Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução, 2009. v. 1. p. 144-145.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos históricos**. 4^a.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.